

categoria conceitual mas como sinônimo de sexo feminino. Vale dizer que isto não chega a prejudicar o resultado do conjunto, onde a diversidade teórica e empírica das pesquisas busca articular os diferentes níveis de desigualdades sociais. Assim, esboça-se um cenário de contradições, ora marcado por relações de poder e dominação masculina, ora promissor apontando para a conquista plena da cidadania.

Lucila Scavone

RETRATOS DE FAMÍLIA

Miriam Moreira Leite

São Paulo: EDUSP, 1993

O livro de Miriam Moreira Leite, reunindo ensaios elaborados ao longo de dez anos, traça possíveis caminhos para que a fotografia fale o que sabe em contribuição para o conhecimento histórico. Esse saber, em suas várias dimensões — instintiva, descritiva e simbólica —, vai sendo competentemente deslindado.

A autora desenha com sensibilidade um método de leitura crítica, demonstrando que é necessário um paciente trabalho decodificador e desfazendo a ilusão de que a comunicação da imagem é imediata. O intérprete deve encontrar a chave que estabeleça a relação entre o visível e o invisível, entre o aspecto formal e a estrutura profunda. Ensina-nos a detectar na fotografia marcas e pistas, que, articuladas, vão reconstituindo um mundo que já não é. Os fatores que importam são: a noção de espaço e contexto, a natureza de *corpus* e a elaboração de seqüências. Quatro são as trilhas a serem percorridas: "do observador à imagem, da imagem ao observador, de uma imagem para a outra, dos retratados para o observador".

O leitor de imagens vai mergulhando nesses instantes poéticos captados pela câmera. Decodificar o

que mostram: o espaço, o enquadramento, os gestos as expressões, os tipos físicos, o cenário, o guarda roupa, a iluminação. Buscar inter-relações entre os diversos elementos da foto para que revelem a multiplicidade de aspectos de um mesmo evento. Aprender a ver as relações entre o movimento e a estrutura espaço-temporais; deixar-se interpelar pela imagem, acolhendo as questões que lhe são dirigidas, todas essas etapas abordam a fotografia como um processo, não como um produto. Trágicas, cômicas ou líricas, as histórias dos bastidores das fotografias devem ser alvo da escuta atenta do intérprete. Linguajar mesclado e incerto dos imigrantes, vozes e timbres, sotaques e fraseados pitorescos — uma intensa movimentação no espaço e no tempo se oculta atrás da imobilidade dos momentos recolhidos nos retratos.

Tradicionais, dominantes ou médias, as famílias que imigram para São Paulo de 1890 e 1930, posando para as gerações futuras, constituem a coleção principal a ser analisada. O retrato de casamento é o mais recorrente em todas as coleções, já que é um dos principais ritos de passagem em quase todas as sociedades. Aparece em duas formas principais: o retrato que inclui as duas famílias, com o casal na primeira fila, de pé ou sentado; ou a imagem dos noivos de pé, de frente para a objetiva. Uma interessante variação da figura da noiva é quando ela está de negro, costume da cultura camponesa da Europa, simbolizando a fertilidade. Nesse contexto cultural, a alva neve é associada à morte das plantações.

O devaneio pictórico de Darcy Penteado nos joga num outro universo, na irrealidade do espetáculo do casamento. Trata-se do quadro "A noiva do Bosque", de 1980, inspirado em álbuns de família. Vê-se a noiva sozinha, perdida num fundo florestal azul e verde, num solo que parece líquido e pouco firme. Transmite uma inquietante estranheza.

As fotos de família, documentando os vários ritos de passagem, de criança para adulto, de solteiro para casado, de vivo para morto, podem ter dupla função:

tanto suscitar uma multiplicidade de lembranças para recuperar o passado, como estimular, para o pesquisador, a formulação de hipóteses quanto ao potencial de comunicação do registro iconográfico.

Em seu elucidativo artigo sobre a família brasileira no século XIX a autora ressalta, numa escrita fluente e suave, a invisibilidade da vida privada nos registros iconográficos: uma mulher de família deveria permanecer no interior da casa. A rua é lugar das escravas e das prostitutas. Ao convento iam as moças rebeldes que namoravam quem não deviam, as esposas temporariamente sozinhas, por motivo da viagem do marido, não faltando também numerosas viúvas ricas que "conscientes das barreiras que as cercariam numa vida autônoma se recolhiam levando consigo bens e até escravaria". As festas religiosas e procissões eram espaços abertos às mulheres, os quais elas ocupavam plena e graciosamente.

Trazendo à luz "o conteúdo simbólico de algumas situações sociais pouco claras", o livro contém a reprodução do fascinante desenho "A Janela", do norte-americano J. Champney Wells. O cenário fronteiriço já imprime uma aura de segredo à figura arquetípica da mulher à janela: nossa personagem foi flagrada entre franjas e brincos, pulseiras e decote, sorriso brejeiro e cartinha à mãe...

A outra comenta como os desenhos de amas-de-leite muitas vezes pintam um relacionamento harmonioso entre o bebê branco e a ama-de-leite, esta frequentemente figurada com roupas européias. Imagem que esconde outras cenas menos apresentáveis, bem mais dramáticas e violentas, devido à situação de exacerbada exploração social e física que vive a ama-de-leite: amamenta entre três ou quatro crianças ao mesmo tempo, às vezes em detrimento de seus próprios filhos. Os jornais da época trazem numerosos anúncios de aluguel de amas-de-leite; fato descrito com indignação por um viajante suíço, Charles Pradez, em 1872.

A prosa cativante de Miriam Moreira Leite vem impregnada de argúcia e sensibilidade. Constitui leitura obrigatória e prazerosa para quem deseja se aprofundar na compreensão crítica da iconografia histórica. Ou simplesmente desenvolver um olhar metodicamente viajante pelos seus álbuns de família.

Maria Luiza Machado Jatobá

INFÂNCIA E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO

Maria Amélia Azevedo e Viviane N. de A. Guerra
(orgs.)

São Paulo: Cortez, 1993

Difícil apresentar este livro a quem quer que seja, sem que eu, como leitora, faça algumas revelações. Pegou-me desprevenida o impacto que ele foi provocando. Sorrateiramente, diga-se.

No princípio, fui convidada a saber sobre Teoria Crítica e Escola de Frankfurt, depois sobre família e rituais satânicos (Partes I e II). Acompanhava com prazer a compreensão facilitada pela escritura simples, comum a todos os autores do livro, especialistas nas suas áreas. Sociólogos, antropólogos, psicólogos, educadores, historiadores, juristas, militantes ou médicos, todos relacionam de forma convincente, de um lado, produção de conhecimento e pesquisa, práticas sociais e religiosidade, leis e infrações e, de outro, o lugar de participação/exclusão que a criança vem ocupando no pensamento moderno e contemporâneo e a disposição à vitimização que este lugar favorece. Sugerem que "alguma coisa tem que ser feita", com ou sem o suficiente respaldo legal e científico.

A Parte III, "Abuso físico e incesto", provoca, no entanto, um giro definitivo: sou pega pelo fígado e, se antes poderia dialogar com o texto ora acrescentando-lhe idéias, ora questionando afirmações e dicotomias aparentemente forçadas, agora a sensação